

A ROMANTIZAÇÃO NOS CONTOS DE FADA: A REPRESENTAÇÃO DA INFERIORIDADE NAS MULHERES

TO ROMANTICIZE IN FAIRY TALES: THE REPRESENTATION OF INFERIORITY IN WOMEN

Patrícia Vieira Silva¹
Emer Merari Rodrigues²

Faculdade de Formação de Professores de Araripina – FAFOPA
Universidade de Brasília – UNB

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise da representação feminina nos contos de fadas em que as mulheres são colocadas em um papel de inferioridade em relação a outras personagens. A escrita pretende apresentar certas críticas e estereótipos de representação das mulheres na sociedade tradicional, estereótipos que influenciam a forma como a sociedade contemporânea ainda trata as mulheres. Em muitos contos de fadas, as mulheres são submetidas a machismo, assédio, entre outros; transfigurado de romance, na maioria das vezes, isso não é percebido de forma explícita e consistente pelos leitores mais jovens. O referencial teórico escolhido sustenta-se em Bettelheim (2005), Aguiar (2015) e Vasconcelos (2018) para embasar como tais personagens se configuram na fragilidade, dependência e subserviência de outros. Portanto, pretende-se analisar que mensagem essa inferioridade nas representações simbólicas infere nos leitores e espectadores.

Palavras-chave: Inferioridade. Mulher. Contos de fada. Representatividade.

ABSTRACT: The point of this writing is to show an analysis of female representation in fairy tales in which women are placed in an inferior role in relation to other characters. The writing aims to present certain criticisms and stereotypes of representation of women in traditional society, stereotypes that influence the way traditional society treats women. In many fairy tales, women are subjected to sexism, harassment and others; transfigured into a love story, many times, this is not perceived in an explicit and consistent way by readers. The theoretical framework chosen is based on Bettelheim (2005), Aguiar (2015) and Vasconcelos (2018) to support how these characters are configured in the fragility, dependence and subservience of others. Therefore, we intend to analyze what message this inferiority in symbolic representations infers in readers and viewers.

¹Graduanda em Letras pela Faculdade de Formação de Professores de Araripina — FAFOPA.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6815-8304>. E-mail: patriciavsilva@aluno.aeda.edu.br.

²Doutorando em Literatura pela UnB. Vinculado à SEDUCE-GO.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4324-143X>. E-mail: merari769@hotmail.com.



Keywords: Inferiority. Woman. Fairy tales. Representativeness.

1 INTRODUÇÃO

Os contos de fada vêm para intencionar valores morais e éticos transmitidos para a sociedade, eles direcionam a forma de pensar. Segundo Bettelheim (2005), os contos de fada ajudam as crianças no desenvolvimento emocional, fazendo-as reconhecer o que foi transmitido nessas histórias e a reproduzir o reconhecimento. Esses contos influenciam também a interação familiar e as relações sociais.

No entanto, na maioria deles, a mulher é representada com um alto grau de inferioridade, e isso torna-se aceitável aos olhos de muitos leitores, o que é considerado um hábito cotidiano, na sociedade em que a mulher não é capaz de opinar ou de viver uma vida como ela deseja.

Muitos contos objetificam a mulher como um instrumento para o amor, matrimônio e submissão ao homem, sendo esta realidade, uma constante também no mundo contemporâneo, pois da mesma forma desses contos de fada, o homem é continuamente supervalorizado, colocado em uma posição elevada em relação à mulher.

Essa ideia é transmitida por numerosas obras literárias e destacada principalmente nessas obras infantis. Nesse contexto, a figura feminina ainda é considerada como um objeto de serventia para os homens. Isso é transmitido de maneira tão eficaz que diversas mulheres reproduzem essa perspectiva em seus discursos.

Os contos de fada são bem aceitos no mundo infantil porque são facilmente acessíveis e possuem características únicas de ensino-aprendizagem; porém, tanto os pais quanto os professores precisam perceber que muitas dessas histórias colocam as mulheres em um nível idealizado de inferioridade.

Em contos como *Cinderela*, *Branca de Neve* e *A Bela Adormecida*, este estereótipo é perceptível: um homem, seu maior salvador; um ser capaz de vencer as adversidades, de auxiliar as mulheres em suas dificuldades e fraquezas. Essas histórias transmitem a ideia de que o casamento é a etapa



fundamental para a mulher, o que desvaloriza suas conquistas pessoais e profissionais. Tal ideia atenua e mitifica o pensamento de que casar-se é essencial para a aquisição da felicidade.

Tendo em vista o princípio de que a leitura influencia o comportamento, essa recepção ainda está se solidificando na contemporaneidade ao reproduzir aspectos da representação da figura feminina frágil.

Vale ressaltar que a leitura literária na infância facilita e possibilita, oportunamente, a inserção de outros textos. Por isso, é uma etapa fundamental para a aquisição da proficiência leitora. Portanto, não é intuito desprestigiar o valor educativo e social que esses contos têm apresentado através dos séculos. Apenas, pretende-se aqui, uma reflexão sobre as semelhanças nos contos supracitados, ao abordarem as protagonistas em representação de características semelhantes da aproximação temática latente entre elas, tanto na literatura quanto na sociedade contemporânea.

2 OS CONTOS DE FADA E SEUS IMPACTOS

O primeiro contato de muitas sociedades com a literatura foram os contos de fadas, eles moldaram a forma de pensar e influenciaram a cultura vigente. Conforme Ramalho (2001), os contos de fadas são como o código moral da sociedade, permitindo que a criança os use como uma ferramenta educacional. De acordo com o autor, os contos (oralizados) para as crianças não-leitoras, objetivavam a transmissão de valores explícitos na mensagem.

Para as crianças leitoras, esse tipo de texto consegue ir além, ao possibilitar que elas, entre outros, aprimorem o vocabulário, dinamizem o raciocínio, aperfeiçoem a comunicação e agucem a criatividade. Mas, principalmente, se identifiquem com os personagens.

Assim, as crianças não terão ideia se as mensagens transmitidas são coerentes, pois elas já estão enraizadas na sociedade como corretas. Esses contos utilizam ferramentas que estimulam, instigam a imaginação, como: desenhos, escrita, reconstrução de cenas nas brincadeiras, representação de personagens, criação de cenários e reutilização de enredos. Por esses e outros motivos, eles vêm se tornando mais populares a cada dia, funcionam como



meios de comunicação entre as crianças e, em consenso, são histórias consideradas educativas, que auxiliam no desenvolvimento intelectual e emocional, até porque “o conto de fadas toma as ansiedades existenciais e dilemas com muita seriedade e dirige-se diretamente a eles: a necessidade de ser amado e o medo de uma pessoa de não ter valor; o amor pela vida e o medo da morte” (BETTLEHEIM, 2005, p. 10).

Para Sosa (1982), a literatura infantil ajudará a criar a imaginação infantil, pois os contos de fadas servem como uma forma de despertar esse desenvolvimento intelectual, bem como ferramentas pelas quais as crianças podem desenvolver suas emoções e sentimentos.

Como se pode averiguar, os contos de fadas são mecanismos notáveis para despertar a imaginação das crianças, mas o principal problema deles são as mensagens implícitas e não processadas que essas histórias transmitem, tais como: a perfeição generalizada, uma mulher que apenas será feliz se for casada com o príncipe; a submissão aceitável e voluntária e a objetificação inferida como bem-estar social.

Essas mensagens estão presentes no Romantismo (1836–1881), classe literária de característica burguesa do século XIX, em que se destacavam o casamento, a religião, o ufanismo, a idealização, o amor platônico e o sonho. Por isso, nesse tipo de escrita, muitas vezes se enfatizava “o sentimento e a imaginação sobre a razão e a realidade, tanto por parte das personagens como da parte do autor” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 210).

Em poucos contos, as personagens femininas não são condicionadas àquelas mensagens, pois nas narrativas, a maioria das protagonistas encontra dificuldades de construção de argumentos e opiniões contrárias ao sexismo. Tendo em vista que, em comparação ao homem, esses contos descrevem a mulher como inferior: política, física e intelectualmente, de forma contínua. Essas são as mensagens implícitas para as crianças, e naturalizadas, à medida que vivenciam o mundo sexista como ele é.

Sem auxílio pedagógico reflexivo e adequado, as crianças não conseguem, ainda, adquirirem um aguçado e nítido senso crítico e acreditam na normalização dessas mensagens, pois elas são, por vezes, contadas, descritas e repetidas desde a primeira infância.



Durante a infância as crianças são bombardeadas com contos de fada. São geralmente histórias para dormir extremamente machistas, que reforçam a ideia de que a mulher é inferior. Enquanto as crianças crescem, suas opções literárias evoluem para outros gêneros narrativos que comumente trazem o mesmo conceito de subalternidade. (ACOSTA, 2009).

Como se vê, muitas crianças, principalmente meninas, crescem com a ideia em comum de que devem ser privadas de muitas coisas e de que é necessário romantizar essas privações; é fundamental que pais e professores observem a categoria de símbolos implícita nos contos que estão contando, porque tais histórias e seus significados são potenciais causadoras de expectativas, de ânsias e danos nas relações interpessoais a longo prazo.

Em caráter geral, os contos infantis representam histórias de muitos tipos de superação. Às vezes, superação de problemas familiares (como no *Patinho Feio*), outras, de superação financeira, quando o personagem modifica seu *status* social (como em *João e o pé-de-feijão*). Mas nesse contexto, no caso das personagens femininas exemplificadas, percebe-se que a vida das personagens é representada de forma dependente e idealizada, porque elas vivem à espera de que um príncipe encantado as salve dos perigos e mazelas que as permeiam.

De acordo com Vasconcelos (2018), a sociedade ainda possui uma visão que as mulheres são retratadas em estado de passividade, que precisam de um homem para salvá-las, que devem ser submissas e não se colocarem como prioridade. Embora a personagem principal seja uma figura feminina, quem ganha os méritos é o homem: a pessoa mais inteligente, mais rica, mais desejável, e a que leva a princesa. Implicitamente, principalmente na maioria das crianças, cria-se uma sensação de que as frágeis mulheres precisam ser salvas, que essa fragilidade lhes é inerente, que há vulnerabilidade e fraqueza no sexo, e, portanto, precisam de ajuda, dependem da figura masculina para alcançar não apenas a felicidade, mas principalmente, a sobrevivência.

3 A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NOS CONTOS DE FADA



Há um conjunto de símbolos e representações na figura feminina que são mais enfatizados do que outros na literatura infantil. Essa protagonista está inserida em uma cultura hierárquica e patriarcal em que é direcionada pelos planos dos atores coadjuvantes e o desfecho do enredo é definido por um homem. Toma-se, por exemplo, o conto *Chapeuzinho Vermelho*.

Percebe-se, em geral, que essas personagens femininas possuem pouco ou nenhum prestígio intelectual, sendo incapazes de identificar os disfarces (lobo, bruxa, sapo), as mentiras e as armadilhas descritas na trama. Já na contemporaneidade, transpondo esse conceito, a figura feminina está, de quando em quando, suscetível à cultura tradicional sexista, com restrições políticas, sociais, econômicas, entre outras, tendo como resultado que:

A mulher sempre esteve inserida dentro de uma estrutura patriarcal, na qual seu destino era marcado pela submissão e direcionado ao casamento. Era uma figura emudecida e marginalizada em vários aspectos, por exemplo, como filha ou esposa, não podia opinar em nada que se referisse a outro universo que não o lar, o enxoval, o noivo/marido e o bem-estar da família, restringindo-se a obedecer aos homens da casa. (PIMENTA; DAL CORTIVO, 2012).

Como resultado, grande parte da sociedade continua a considerar a mulher como objeto, cuja principal função é satisfazer e responder às vontades alheias, não opina com propriedade e está predisposta à obediência, à manutenção do matrimônio, da casa e dos filhos. Tal postura corrobora para a sua inferiorização e cria altos custos de geração a geração. Para Alves e Pitanguy (1995), as mulheres continuam sendo tratadas como objeto sexual, como inferiores aos homens e inerentes à reprodução como função primária. Apesar de não ser unânime, tal visão segue cada vez mais frequente e é difícil de ser modificada, considerando sua permanência enraizada na mentalidade de muitos e na cultura social. A perceptível rotulação sequencial mantém a desigualdade entre os gêneros.

Nos contos de fadas, a mulher, enquanto personagem incorporada, sofre diversas categorias de inferioridade: ela precisa ser e estar bela, e mais que as outras, trazendo como consequência uma pressão social, uma competitividade que, além de inalcançável, gera nas mulheres um sentimento de insegurança e rivalidade entre si.



A ampla objeção moral dos contos a qualquer outra coisa que não a perfeição física idealizada parece estar preparando uma criança — e, sejamos honestos, especialmente as meninas — para uma adolescência com todos os problemas associados à baixa autoestima. (ANDERSON, 2019).

Às vezes, o que essas histórias geram é um sentimento de insatisfação, uma rejeição pessoal, caso essas mulheres não se enquadrem nos padrões impostos. É visto, nessas obras, o quanto as mulheres são marginalizadas e inferiorizadas, esses símbolos e representações muitas vezes não são percebidas pelos leitores e/ou telespectadores. Partindo dessa perspectiva, constantemente, as personagens são representadas como seres inferiores nos contos de fadas. Então, o futuro delas está condicionado ao casamento, serventia e submissão.

Para enfatizar e ressaltar essa ideia, analisam-se brevemente como exemplos os seguintes contos: *Cinderela*, *Branca de Neve* e *A Bela Adormecida*. Esses clássicos atemporais dos contos infantis possuem recortes de machismo, impotência feminina e dependência (econômica e) emocional vivenciados pelas personagens. Assim, essas histórias divulgam uma mensagem implícita, carregada de estereótipos, contribuindo para a permanência de uma sociedade em que as mulheres não são respeitadas. Em *Cinderela*, na versão mais conhecida de Charles Perrault, devido ao contexto em que a obra foi desenvolvida, chama a atenção que o casamento era algo fundamental na época. Caso ela não seguisse essa tradição, seria julgada socialmente em demérito, pois, a maioria obedecia à tradição, nessa condição, havia uma indução social para que as mulheres o realizassem.

Em passos pequenos, na contemporaneidade, algumas histórias foram se desconstruindo na representação desses ritos — como cita a protagonista que a irmã “não pode se casar com alguém que acabou de conhecer” (Frozen, 2013) —, mas *Cinderela*, escrita em 1950, traduz uma ideia clara que ainda se perpetua socialmente: uma bela jovem se casa com o príncipe encantado e, apenas assim, serão para sempre, felizes.

Cinderela se refere ao desejo quase sempre inconsciente de parte das mulheres de serem protegidas e cuidadas por um companheiro idealizado na imaginação, com as características de um príncipe que



se vê nos contos de fadas. Como na fantasia, a mulher só consegue modificar o curso de sua vida tendo o príncipe (um homem) como seu referencial. (CHEIXAS, 2018).

Esse conto é sobre a vida de uma bela jovem, pobre, que trabalha em condições análogas à escravidão, pois, as mulheres que se destacam nas atividades domésticas, com excelência, conseguirão mais oportunidades de casamento. No fim, a protagonista tem êxito, casa-se com o príncipe e isso é suficiente para que ela seja uma pessoa realizada. Aguiar e Barros (2015) resumem que Cinderela, após ser humilhada, desprezada e de trabalhar o dia todo, todos os dias, consegue receber sua recompensa: casar-se e viver feliz para sempre. Portanto, tal obra apresenta um pensamento estereotipado da figura feminina, em que é abordado que se a personagem sofrer bastante conseguirá se casar e, conseqüentemente, ser muito feliz, como se o matrimônio fosse sinônimo de felicidade, como se não houvesse competência no gênero feminino para findar o sofrimento sozinho.

Dessa maneira, aquela personagem que não se enquadra nesses parâmetros literários e que se distancia dessas projeções, é rejeitada e rotulada como bruxa (ver apêndices). Até mesmo em *Branca de Neve*, um clássico dos contos de fada (relançado pelo estúdio Disney em 1937), é perceptível outra donzela, dessa vez com uma beleza única, superlativa no reino e, naquela época. A característica principal e visível na personagem, como sugerido, é um estereótipo de beleza inacessível, que cria uma rivalidade feminina entre a protagonista e sua vilã, sentimento em comum entre várias mulheres que competem em ser mais belas que outras ao seu redor.

Branca de Neve, por ser uma personagem bela, obediente e gentil, sofre silenciosamente as injustiças que a oprimem, já a madrasta, é representada como uma pessoa bela, mas de comportamento horrível, de coração ruim. Ela é a responsável pelo mal que acontece à protagonista, uma generalização de rivalidade entre mães e madrastas (más). Nesses contos, as mulheres que são madrastas são más, antagonistas, porque tomam o lugar da mãe e destroem os laços familiares. Quem é mãe biológica, sob esse ponto de vista, é a única que pode amar e fazer o bem, isso reproduz uma visão genérica e idealizada da maternidade. De acordo com Santos (2017):



O grande conflito da trama acontece porque a madrasta inveja a beleza e juventude de Branca de Neve. Já que não basta ser bonita, é preciso ser a mais bonita. O espelho é o melhor amigo da madrasta. É o espelho que dá o veredicto a ela que sua beleza não é o bastante. Ela é incentivada a ver outra mulher como inimiga, pois compete com ela pelo título da mais bela do reino. Tomada pela inveja, usa de qualquer artifício. Inclusive ordenar o caçador para que traga o coração da inimiga na bandeja.

Rivalidade criada, a madrasta (e homicida em potencial) então passa a odiar sua enteada. Já Branca de Neve é protegida pelos anões, pelo caçador e pelo príncipe, sempre figuras masculinas.

A história reassegurava-lhe que ela não necessitava se desesperar: Branca de Neve, traída por sua madrasta, foi salva por homens — primeiro os anões e depois o príncipe. Esta criança, também, não se desesperou por causa do abandono da mãe, mas acreditou que o resgate viria dos homens. Confiante de que "Branca de Neve" mostrava-lhe o caminho, ela voltou-se para o pai, que respondeu favoravelmente; o final feliz do conto de fadas tornou possível a esta garota encontrar uma solução feliz para o impasse existencial em que a falta de interesse de sua mãe a projetara. Assim, um conto de fadas pode ter um significado importante tanto para uma criança de cinco anos como para uma de treze, embora os significados pessoais que deles derivam possam ser bem diferentes. (BETTELHEIM, 2002, p. 17).

De acordo com o autor, os anões são amigos que orientam, que tentam proteger a personagem, que oferecem abrigo, que a fortalecem e a preparam para enfrentar dificuldades. Mostra-se aqui, novamente, a dependência da personagem em algum homem para obter a salvação dos males que outra mulher causa. De acordo com o autor, os anões são amigos que orientam, que tentam proteger a personagem, que oferecem abrigo, que a fortalecem e a preparam para enfrentar dificuldades. Mostra-se aqui, novamente, a dependência da personagem em algum homem para obter a salvação dos males que outra mulher causa.

A conotação, o duplo sentido e a metáfora são elementos presentes nos contos de fadas e na sua numerologia³. Pela transposição, os anões possuem simbolismos diversos ao caracterizarem: os sete pecados capitais, as emoções humanas, os metais, os planetas, ou “a representação dos dias da semana e do trabalho” (BETTELHEIM, 2005, p. 223).

³ A numerologia nos contos é discutida em *A simbologia dos números três e sete em contos maravilhosos* de Armindo Teixeira Mesquita.



Como alternativa, ela busca guarida na casa dos anões, mas à sua espera, estão todas os trabalhos domésticos, retrata-se que seja uma obrigação inerente ao gênero. Disfarçada de bruxa, a personagem é enganada pela madrasta, porém, um príncipe aleatório a beija (sem consentimento, pois ela se encontra desacordada e incapaz de reação). Depois que ela desperta, casa-se com o príncipe, e da mesma forma, viveram felizes para sempre.

O conto apresenta mensagens de machismo, rivalidade entre mulheres, assédio, submissão e sexismo. A predisposição genética e a busca pelo refúgio masculino são os fatores que impulsionam a passividade da protagonista. Não é visto nela características de eloquência, força, inteligência, perseverança ou independência. A sorte da personagem depende apenas da sua aparência e da sorte que gera possibilidades de outros a salvarem. Uma mensagem prejudicial para uma leitura infantil sem acompanhamento de reflexão e discurso pedagógico.

O mesmo se aplica à *Bela Adormecida*. Lançado em 1959, (mais) uma mulher má lança um feitiço sobre um bebê, chamado Aurora, o efeito ocorrerá quando ela completar dezesseis anos. No dia do seu aniversário, Aurora cairá em um sono profundo e (também) despertará com um beijo de um príncipe encantado, remetendo novamente a ideia de que a protagonista poderá ser salva se, houver a presença do príncipe. O feitiço lançado em Aurora foi também responsabilidade de uma mulher, por isso, o conto incorpora a vilania no gênero feminino, mais uma vez. A trama se repete como na história de *Branca de Neve*, quando inconsciente, a bela Aurora é salva por um belo, corajoso e forte rapaz, que a beija (também sem consentimento), ela desperta do sono profundo e eles, também, viveram felizes para sempre.

Da mesma forma que os outros contos, este enfatiza a mensagem da mulher passiva, que tende ao casamento como objetivo essencial, estabelece que os homens provedores não devem ser responsabilizados pelos sofrimentos femininos e atribui esse papel a outras mulheres, antagonistas por função. No fim, como uma barganha pela felicidade, as dependentes personagens precisam continuar submissas e subservientes, e assim, essas mulheres e seus salvadores viveram casadas e felizes. Elas casadas, eles, felizes.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita pôde referenciar que os contos de fadas são uma essencial ferramenta literária para explorar os sentimentos e comportamentos das crianças, porque as “mentes tanto das crianças criativas quanto das medianas podem-se abrir a uma apreciação de todas as coisas superiores da vida através dos contos de fadas, dos quais podem passar facilmente à apreciação das obras maiores de literatura e arte” (BETTLEHEIM, 2005, p. 22).

No entanto, os contos de fadas, exemplificados, apresentam características do Romantismo (1836–1881) e algumas mensagens implícitas que ratificam o pensamento daquela época em geral. Na contemporaneidade, faz-se necessário que tais mensagens sejam mais explicadas, didaticamente trabalhadas e contextualizadas, para que as crianças aperfeiçoem o senso crítico das histórias que recebem.

Observa-se que essas histórias infantis romantizam o papel de inferioridade imposto às personagens femininas ao longo dos séculos, o que normaliza os comportamentos sexistas e ajuda a estabelecer rótulos e estereótipos na cultura.

Para Vasconcelos (2018), a inferiorização de uma mulher muitas vezes ocorre por outra mulher porque ambas estão inseridas em uma sociedade com hábito milenar de depreciação feminina. É por isso que a crença em tal rivalidade é difícil de ser desconstruída, mas não impossível.

Tanto os pais quanto os professores precisam analisar esses contos infantis transmitidos e desconstruir estereótipos e preconceitos. Para que essa colaboração seja efetiva é fundamental que não se evite os contos de fadas, mas que seus temas sejam trabalhados com senso crítico em detrimento do senso comum.

Rivalidade, competição, sexismo, impotência, dependência, e subserviência são símbolos implícitos nessa categoria de literatura, mas a sociedade contemporânea tem a oportunidade de dirimi-los, tratando adequadamente os contos, expondo essas manifestações para que elas sejam percebidas e evitadas, para que elas deixem de ser internalizadas, normalizadas e idealizadas como exemplo de filosofia de vida.



REFERÊNCIAS

ACOSTA, Rossana Paiva. **Personagens femininas da literatura e seu impacto nas gerações**. 2019. Disponível em: <<https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/12c3a303-bcba-440e-8d1a-d7145924352c/TCC-Letras-2012-Arquivo.013.pdf>> Acesso em: 09 dez. 2020.

AGUIAR, Eveline Lima de Castro; BARROS, Marina Kataoka. **A representação feminina nos contos de fadas das animações de Walt Disney: a ressignificação do papel social da mulher**. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste-Natal-RN. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste_2015/resumos/R47-1959-1.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2020.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo, Abril, 1995.

ANDERSON, Hephzibah. **Está na hora de reescrevermos os contos de fadas**. BBB NEWS, 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/04/23/esta-na-hora-de-reescrevermos-os-contos-de-fadas.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2020.

BETTELEIM, Bruno. **Psicanálise dos contos de fadas**. Editora Paz e Terra, 2005.

CHEIXAS, Arnaldo. **O complexo de Cinderela em tempos de casamento real**. 2018. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/terapia/complexo-cinderela/>> Acesso em 02 de dez. 2020.

MESQUITA, Armindo Teixeira. **A simbologia dos números três e sete em contos maravilhosos**. Álabe, n. 6, 2012.

PIMENTA, Luciana Mendes; DAL CORTIVO, Raquel Aparecida. **A representação da mulher nos contos de fadas tradicionais e contemporâneos nas obras cinderela e procurando firme**. 2012. Disponível em: <<https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/12c3a303-bcba-440e-8d1a-d7145924352c/TCC-Letras-2012-Arquivo.013.pdf>>. Acesso em: 02 de dez. 2020.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura (através de textos comentados)**. Editora Ática, 2004.

RAMALHO, Christina. **Mulheres, princesas e fadas: a hora da desconstrução**. Revista Gênero, v. 1, n. 2, 2001.



SANTOS, Cila. **Branca de Neve: bela, recatada e do lar:** e como uma geração de mulheres aprende a admirar valores machistas. 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/branca-de-neve-bela-recatada-e-do-lar-3e641d757256>. Acesso em: 20 de nov. 2020.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil:** autoritarismo e emancipação. SP: Ática, 1982.

VASCONCELOS, Aline. **Do discurso machista em A bela adormecida ao discurso feminista em malévola:** o papel da mulher na sociedade ao longo destas narrativas fantásticas. UEPB, 2018.

FILMOGRAFIA

A Bela Adormecida (Sleeping Beauty). Direção: Clyde Geronimi, Les Clark, Eric Larson e Wolfgang Reitherman. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1959. 75 min, cor

A Branca de Neve e os Sete Anões (Snow White and the Seven Dwarfs). Direção: David Hand, William Cottrell, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1937. 83 min, cor.

Cinderela (Cinderella). Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1950. 74 min, cor.

APÊNDICES

Bruxas não beijam sapos

Emer Merari Rodrigues

As bruxas são mulheres independentes, são tão superiores que não delegam aos outros as responsabilidades por suas vidas. Por isso moram sozinhas, elas adoram a própria companhia, têm casa e lar, terrenos até na floresta.

Eles as chamam de bruxas porque elas têm conhecimento e sabedoria, então podem se impor, mesmo que morram na fogueira. Isso não é problema, porque elas dominam a alquimia, mas também dominam seus medos.



Eles as chamam de bruxas porque elas fazem a própria comida e se curam com os próprios remédios, amam os gatos (visto que são independentes como elas), e gostam da natureza e da lua (pois entendem suas fases).

Bruxas não beijam sapos. Elas os castigam: ignorando e abandonando. Pois, escolhem seus parceiros não para ficarem presas no castelo, mas pela magia de juntos voar.

Diferentemente das princesas, as bruxas podem... mas não precisam se casar, não com o objetivo de serem felizes para sempre. Elas já são! E isso os incomoda muito.

Então, eles as chamam de bruxas.

E você sabe, minha filha, quem é que magoado pela recusa do “não” chama todas essas mulheres de bruxas?

Os sapos!